

PSDB vai pagar viagens de FH

■ Comando da campanha da reeleição quer evitar a polêmica sobre a utilização da máquina pública nos deslocamentos do presidente

PAULO MUSSOI

BRASÍLIA – A partir do dia 4 de julho, todas as viagens do presidente Fernando Henrique Cardoso pelo interior do país serão pagas pelo PSDB. A decisão, tomada pelo comando da campanha da reeleição, tem como objetivo evitar a polêmica sobre a utilização da máquina pública durante os deslocamentos do presidente pelo país, nos três meses que antecedem as eleições de outubro. Avalia-se que as viagens do presidente nesse período – mesmo as oficiais – não serão mais dissociadas do caráter eleitoral.

“Será praticamente impossível separar o presidente-presidente do presidente-candidato, durante as viagens. Por isso, o melhor é encarar todos os deslocamentos a partir do dia 4 como deslocamentos de campanha”, explicou um integrante do comando da reeleição, que elegeu as viagens como o principal fator de risco de processos judiciais por uso indevido da máquina administrativa.

O calendário de viagens do candidato Fernando Henrique ainda está em processo de definição. Elas ocorrerão principalmente nos fins de semana – entre sexta e sábado, com o domingo reservado ao descanso do presidente. De julho até outubro, o comitê de campanha estima que haverá pelo menos 10 fins de semana disponíveis para a realização de viagens.

PMDB – A escolha das cidades a serem visitadas será feita pelo coordenador Euclides Scalco e ainda depende muito do resultado da convenção do PMDB, hoje à tarde. Mas a decisão não terá apenas critérios políticos. A localização e a importância econômica do município também serão levadas em conta. Segundo integrantes do comitê, cerca de 50 municípios podem entrar no roteiro de viagens, o que significa uma média de cinco cidades visitadas por fim de semana.

Os roteiros deverão seguir modelos semelhantes ao da viagem que Fernando Henrique fez ontem e anteontem ao Sul do país. Em dois dias, o presidente foi a cinco cidades diferentes: Osório e Gravataí, no Rio Grande do Sul, e Navegantes, Joinville e Jaraguá do Sul, em Santa Catarina.

O cronograma prevê, em princípio, que todas as regiões do país devem ser visitadas. Mas a tendência é dar prioridade àquelas em que o presidente ainda não esteve. O Acre, por exemplo, é o único estado que Fernando Henrique não visitou desde que assumiu a presidência.

Como a participação em inaugurações estará proibida depois do dia 4 de julho, na maioria das viagens o presidente vai visitar obras do programa Brasil em Ação – que, aliás, passa a se chamar apenas Brasil, a partir de 1º de julho, para evitar problemas com a Justiça Eleitoral. Também estão previstas participações em comícios locais, festas e reuniões políticas.

O único fator que pode alterar a maratona eleitoral, segundo integrantes do comando da campanha, é a preocupação com a saúde de Fernando Henrique. Há quem defenda uma agenda mais suave e, caso o presidente sinta que o ritmo de viagens está pesado demais, o calendário poderá ser reduzido.

Além das sextas e sábados, o presidente vai reservar três manhãs por semana para dedicar-se à reeleição, no próprio Palácio da Alvorada – liberado pela Justiça Eleitoral para sediar reuniões de campanha. Nestas manhãs, além de encontros com aliados, o presidente vai gravar suas participações nos programas eleitorais do PSDB e terá também um tempo reservado para descansar.

Favorecimento – A estrutura das viagens de campanha será idêntica à das oficiais. Fernando Henrique usará o avião da presidência, com sua comitiva, e as equipes precursoras do Palácio do Planalto farão o reconhecimento dos locais antes da chegada do candidato. A segurança também será a mesma.

O custo dos deslocamentos do presidente, porém, será pago pelo PSDB. Além disso, todos os integrantes da campanha que não têm funções no Palácio do Planalto viajarão por conta do partido, em outros vôos. A escolha da comitiva que acompanhará o presidente no avião oficial também será criteriosa, para evitar qualquer acusação de favorecimento a candidatos locais. “Não queremos papagaios de pirata”, avisa um integrante do comando operacional da campanha.

